

O PRAZER
É TODO NOSSO

DEZ CONTOS ERÓTICOS DE ESCRITORAS
PORTUGUESAS E BRASILEIRAS

INTIMIDADES

ORGANIZAÇÃO E PREFÁCIO DE LUISA COELHO

Lídia Jorge
Inês Pedrosa
Ana Miranda
Branca Maria de Paula
Guíomar de Grammont
Lygia Fagundes Telles
Maria Teresa Horta
Teolinda Gersão
Nélida Piñon
Rita Ferro



DOM QUIXOTE

Ficha Técnica

Título original: Intimidades

Autores: Ana Miranda, Branca Maria de Paula, Guiomar de Grammont, Inês Pedros, Lúcia Jorge,
Lygia Fagundes Telles, Maria Teresa Horta, Néida Pinon, Rita Ferro, Teolinda Gersão

Design de capa: Atelier Henrique Cayatte com a colaboração de Rita Múrias

Revisão: E. Baptista Coelho

ISBN: 9789722042307

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2005, Publicações Dom Quixote, Record e Autores antologados

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

APRESENTAÇÃO

Introdução

Esta colectânea de contos tem como principal objectivo contribuir para dar a conhecer, simultaneamente no Brasil e em Portugal, a literatura contemporânea de língua portuguesa dos respectivos países.

Para empreender tal tarefa, optou-se pela publicação de textos escritos por mulheres, porque se verificou que é nesse domínio que a divulgação é menor e portanto o desconhecimento mútuo é maior.

O conto, o género literário seleccionado, é uma forma que neste princípio de século está a ser recuperada e a receber uma grande projecção. Tornou-se um veículo *de* transmissão muito apetecível devido ao seu carácter conciso, à sua dimensão reduzida, à sua capacidade de exigir em menor duração temporal a atenção e a concentração do leitor no acto de leitura, e de compreensão total do texto, e também à possibilidade que apresenta de facultar, inserido em conjunto com outros, uma visão mais global (no sentido actual) e abrangente de uma determinada época e/ou de um determinado grupo, de um determinado tema. Estas características enquadram-no bem nos agitados tempos de predominância do frenesim audiovisual em que vivemos.

O tema sugerido como fio condutor para agrupar estes contos, alguns inéditos, outros não, foi o erotismo. Este tema foi escolhido por se achar que ele se encontra no centro de toda a problemática da arte — de todas as formas de arte — e se apresenta como um campo de reflexão que permite tecer muitas considerações, quer de natureza estética, quer social ou política, que possibilitam apontar

semelhanças e dissemelhanças entre os textos entre si e entre o que os aproxima ou afasta enquanto produtos de diferentes culturas. Não se trata aqui, portanto, de assinalar apenas um texto à atenção dos leitores nem de avaliar a sua qualidade, mas de procurar entender como é que ele se insere num conjunto de questões que a literatura dirige a si própria e destina ao seu tempo, e levar os leitores a interessar-se pelo conjunto da obra da escritora em questão.

Como muitas vezes acontece o erotismo ser confundido com a pornografia, começaremos por analisar os dois conceitos, de forma a fornecer matéria de reflexão que ajude a estabelecer uma distinção entre ambos — tarefa já empreendida inúmeras vezes, mas nunca esgotada, e de enorme pertinência nos tempos que correm, em que a predominância do uso da realidade virtual como forma de entretenimento e busca de prazer, sobretudo no aspecto que aqui nos interessa e que diz respeito às formas de sedução e excitação, faz realmente vacilar «verdades» adquiridas.

Estando conscientes de que as definições destes conceitos têm variado ao longo dos séculos, de acordo com a ideologia de quem as profere e a contextualização espacial e temporal por que são habitados, o que lhes concede um carácter parcial, limitado e subjectivo (textos rotulados de pornográficos numa dada época e cultura surgem, alguns anos mais tarde, como sendo apenas eróticos ou apenas estéticos), avançamos com alguma precaução para uma *breve* reflexão, sem, no entanto, procurar utilizar uma lógica simplista e moralizante que traça *a priori* os limites entre um «bom erotismo» e uma «má pornografia».

Pornografia

Vamos considerar como pornográfico o discurso em que a descrição do corpo ou de partes do corpo no exercício de actos sexuais é feita com o principal objectivo de produzir a excitação de um terceiro — o leitor, e onde essa descrição crua dos actos sexuais faz a sexualidade perder a sua complexidade. Esvazia o mistério da sexualidade de todo o seu conteúdo.

O discurso pornográfico é aquele que torna o acto sexual transparente, revelando aquilo que na sexualidade do dia-a-dia é invisível, numa estética hiper-realista, onde as cenas descritas são mais reais do que o próprio real (acumulando uma grande quantidade de sinais que acabam por afastar a realidade), e em que o sexo surge sem relação com o sujeito, sem intimidade e sem alteridade. O discurso pornográfico apresenta uma sexualidade sem mistério; é apenas a representação de uma pulsão primária a-subjectiva, imbuída de uma violência subjacente que se exerce sobre outra pessoa como única forma de se exprimir, já que o discurso pornográfico apresenta a sexualidade reduzida ao sexo como vector de uma relação de domínio e de submissão. O corpo é descrito como o lugar onde o poder pode manifestar-se ou exercer-se, uma vez que, anulada a subjectividade dos personagens, a sua resistência é apagada. É-nos oferecida uma representação sexual explícita sob uma óptica descritiva e neutra, e o sexo, perdendo subjectividade, é transformado num acto essencialmente físico e por essa razão susceptível de ser exibido. Os seus limites, do domínio do esgotamento ou da repugnância, são apenas físicos, não estabelecendo qualquer relação com as emoções.

A descrição dos actos sexuais não surge no texto pornográfico como um elemento da história mas como o fim de toda a história, um *terminus*, após o qual não há mais nada a dizer e/ou a fazer. Tentando alimentar o desejo, torna-o impossível, ainda antes de ele ter oportunidade de surgir. No discurso pornográfico, a sexualidade é-nos apresentada como expurgada daquilo que a torna, ao mesmo tempo, um jogo e um compromisso, uma expressão da excitação dos sentidos e uma manifestação do desejo humano, uma mistura de instinto e de fantasia, de algo que pertence ao domínio do real e do misterioso — é-nos apresentada expurgada de erotismo. Nesta perspectiva, a pornografia seria a negação do erotismo e da própria essência da sexualidade.

Erotismo

O puro cumprimento do acto sexual não apresenta uma grande variedade de formas; no entanto, são inumeráveis as diferentes interpretações dos mitos e dos fantasmas que os seres humanos lhe acrescentaram e pelos quais por vezes mesmo o substituíram. O discurso erótico é um dos meios utilizados para fazer uma representação verbal mais completa de Eros, com todos os seus componentes, e não apenas como uma exploração grosseira e gratuita da libido. Ao discurso erótico cabe seduzir; ele encara a representação da sexualidade como não sendo apenas confinada ao sexo, mas envolvendo uma história, consciente e inconsciente, onde se inscrevem as relações que se estabelecem entre o desejo e o interdito, o encontro e o desencontro, o prazer e a dor, o sonho e a realidade, o amor e a morte.

Procurando desvendar os corpos na sua intimidade, o discurso erótico acaba por ser revestido de contenção e pudor. No discurso erótico, a sexualidade é linguagem, não apenas de palavras próprias que a dizem e que a fazem, mas também de palavras que atravessam as palavras comuns, de utilização diária, para voltar a determiná-las eroticamente. Isto quer dizer que no texto erótico a sexualidade se fixa, se experimenta e se atinge na descrição verbal da relação do eu com ele próprio e com o outro — mesmo se for um outro ausente —, no reencontro, na espera, na sedução, no consentimento ou na recusa. A sexualidade é apresentada como a subjectividade onde existe uma relação de cada um com o desejo ou a aversão, a dor ou o prazer, a confissão ou a negação. O acto erótico, ao contrário do pornográfico, começa e acaba no imaginário, alimenta-o e fornece ao desejo a margem de fantasia necessária que requer o prazer. O erotismo é individual e tem como função satisfazer exigências particulares, provenientes do inconsciente e da história privada de cada um dos personagens, exigências que são fantasmas que na literatura são traduzidos na descrição de comportamentos e de actos.

Os contos seleccionados podem, então, ser considerados eróticos, porque o erotismo, na acepção em que o conceito aqui é apresentado, é o seu elemento dominante. No texto literário, uma das funções da linguagem predominante é a função estética, cujo objectivo é provocar o prazer estético, não só no receptor mas também no produtor e, dentro dessa perspectiva, consideramos que os elementos eróticos e pornográficos da narrativa também se preocupam com o prazer. No entanto, se a função estética e os elementos eróticos provocam um prazer intelectual, os elementos pornográficos provocam um prazer físico. O prazer

provocado pelo texto pornográfico é de curta duração, e a narrativa repousa sobre um sentido denotativo, enquanto que o prazer provocado pela leitura e produção do texto erótico aspira a uma duração mais prolongada, e a narrativa repousa sobre o senti do conotativo. Estes três domínios, da estética, do erotismo e da pornografia, apresentam uma tal variedade que não podem ser considerados apenas como interdependentes. Oferecem imensos recursos para a literatura, evoluem e coabitam no espaço da sua interdependência e podem coexistir dentro da mesma obra. O elemento erótico nos escritos eróticos pode permitir intenções pornográficas ou até ser convertido em função estética e vice-versa. É conveniente frisar que a avaliação dos limites e fronteiras entre eles depende consideravelmente da sensibilidade das normas sociais, religiosas e morais de uma sociedade. Parece-nos, em resumo, que o erótico é do domínio da sedução — do imaginário —, e o pornográfico, do domínio da excitação — dos instintos.

Os contos brasileiros e portugueses

Na sociedade ocidental em que vivemos, os ritos bárbaros de interdição do prazer físico feminino, tais como a excisão e a mutilação, não são, evidentemente, praticados. No entanto, durante séculos, a sociedade encontrou sempre uma forma de usar as interdições religiosas ou éticas para paralisar na mulher a liberdade do prazer e para silenciá-la, impedindo-a de proferir um discurso narrativo erótico. A mulher viveu durante anos aprisionada na castidade matrimonial, e só há poucos anos começou a usufruir da liberdade de criar e tornar públicas estórias para entender a vida, para pôr ordem na desordem da vida e poder, através

de um discurso ficcional mais livre sobre a sexualidade, desenhar o seu desejo, questioná-lo e compartilhá-lo.

Se atentarmos numa comparação de aproximação temática dos dois grupos de escritoras, podemos encontrar, em primeiro lugar, uma diferença na forma de abordagem do tema. Nos contos portugueses, o imaginário das escritoras portuguesas que espelha o erotismo é alimentado pelo desejo de enfrentar os interditos sociais, enquanto que nos textos das escritoras brasileiras ele é alimentado pela ousadia das transgressões. Por interdito é aqui entendido aquilo que é proibido, impedido pela lei e pelos valores morais e religiosos da sociedade, e por transgressão, a acção de desobedecer a convenções ou regras, ultrapassando os limites morais impostos por um determinado espaço social e político.

Nos textos portugueses, o conflito existe entre o princípio de prazer e o princípio de realidade; o sujeito tem o seu lugar, o corpo, um estatuto, e o desejo, um significado que surge desadequado face ao real que lhe é imposto e que o personagem ousa enfrentar. O desejo nasce do que não se tem, ou não se conhece mas apenas se suspeita, mas que se pode, perfeitamente, se se ousar, vir a possuir. É um desejo realizável. O erotismo apresentado nos contos portugueses desencadeia uma acção. É propulsor de dinamismo, é revolucionário em si próprio.

Os contos brasileiros relacionam o prazer e o desejo com a transgressão. Em todos os contos brasileiros, a transgressão é efectuada pelo paroxismo da morte ou pelo desejo de aniquilação. Observa-se que em todos os contos paira, directa ou indirectamente, a ameaça da morte, da extinção, que funciona como um impulso vital e que canaliza para a pulsão de vida. Há uma erotização da vida

pela ameaça constante da morte. Os contos descrevem situações-limite, porque praticamente não há limites.

Nos contos portugueses, a procura da satisfação do desejo conduz à vida e a uma ressurreição; mesmo no único conto em que há uma associação entre a procura da satisfação de um desejo erótico e a morte, a narradora/personagem fala da morte como de um «acabar de viver». Nos contos brasileiros, a morte ou a proximidade da sua ameaça encerra o ciclo do desejo, acalma a inquietação que ele provoca e devolve uma outra vida. O erotismo é renovador.

Quase todos os textos de Portugal referem, clara ou implicitamente, a época da repressão da ditadura (1933-1974) como pano de fundo do desenvolvimento de uma situação erótica, ou de um estado onírico de libertação de tensões recalcadas. Verifica-se que, para as escritoras portuguesas, cultivar a memória é um acto especialmente importante, uma vez que se preocupam com a mudança, já que o esquecimento conduz à repetição. Enquanto que a época de ditadura militar no Brasil (1964-1986) não ocupa o cenário de fundo de nenhum dos textos analisados, talvez por ter sido uma época em que a sexualidade, do ponto de vista político-social, não se viu reprimida, antes pelo contrário, todas as actividades relacionadas com um relaxamento sexual, dentro da carnavalização e da música, eram incentivadas como forma de escape e focalização das atenções para fora do alcance de outros assuntos, considerados de maior importância para a manutenção do poder.

Verifica-se também que a descrição do desejo e a sua apropriação é expressa, nos contos brasileiros, através de uma animalidade, que consiste na exploração das características primárias dos personagens. Eles são

impulsivos e instintivos — espontâneos. Nos contos portugueses, os desejos expressos são todos do domínio das relações humanas e urbanas — comidos.

Há, nos contos brasileiros, uma constante de referências ao sagrado, não como forma de repressão, mas como espaço de libertação e justificação da satisfação dos impulsos eróticos. O corpo e a casa são lugares que surgem como refúgio e espaço mítico dos desejos que têm a sua raiz no passado e que poderão ser realizados no futuro. A casa é maternal, acolhedora. Nos contos portugueses não há qualquer associação entre o erotismo e o sagrado religioso — a religião não se revela como sendo do domínio do erótico.

Nos contos brasileiros, o erotismo do desejo é apresentado como um mistério; nos contos portugueses, ele é uma revelação. Um mistério que para ser resolvido necessita de um *acto transgressor, de uma profanação*; uma revelação que quando descoberta ilumina e traz serenidade à vida dos personagens.

Em todos os contos portugueses é feminino o ponto de vista da narração, embora em Lídia Jorge haja uma encenação dupla da narração, que deixa em aberto o género da focalização do ponto de vista. Nos contos brasileiros há duas escritoras, Branca Maria de Paula e Guiomar de Grammont, que apresentam os fantasmas do desejo através da narração de um personagem masculino e onde portanto existe uma inversão de papéis.

Contos brasileiros

No conto de Ana Miranda, *Animal*, toda a narrativa se constrói a partir de um desequilíbrio, da oposição entre a aspiração de se apropriar completamente do objecto do

desejo — o corpo, como o lado do direito e a alma, como o lado do avesso — da mulher, e a consciência de que esta posse conduz à vontade de destruí-lo. A tensão entre estes contrastes é-nos dada através do ritmo nervoso da linguagem, da descrição sumária de pormenores, da suspensão da respiração, do diálogo atabalhado, das trocas que instauram uma urgência, que descrevem aquele desejo como um momento de orgasmo. Neste conto, o discurso erótico resulta da descrição do paroxismo do sacrifício, que exige uma exclusão total do mundo exterior. Estabelece-se uma relação entre o carácter confessional do seu discurso narrativo erótico desordenado, fragmentado e entrecortado de diálogos de expressão de domínio e submissão e a sensação de um desejo impossível de aprisionar, que só se reencontra em si próprio porque nasce do corpo do outro: «o teu corpo é a minha casa, onde finalmente posso me sentir só.»

O conto de Branca Maria de Paula, *Cobertor Engomado*, começa por encenar esse mesmo lugar mítico, «a casa», exactamente como lugar de refúgio e regresso à segurança do passado: «A casa foi do meu avô». Este conto celebra a aliança do homem, enquanto animal, com a natureza. O erotismo manifesta-se através de uma fusão totémica, de um antropomorfismo zoológico e botânico. E será a ruptura da harmonia deste mundo natural, do qual faz parte o acto de enfrentar a morte e a recusa do seu corpo, que levará o personagem ao fracasso, à perda da sua sensualidade primitiva e original. Neste conto, o desenvolvimento erótico é um elo de estabilidade entre o físico e o espiritual. A escritora utiliza um vocabulário de grande riqueza descritiva, relacionado com a fauna e a flora, que confere ao texto uma identidade cultural própria e que apresenta uma